

AOS PRETENDIDOS TEÓLOGOS

Isaltino Gomes Coelho Filho*

Vem se tornando comum entre nós chamar quem lida com Teologia de teólogo. Alguns se auto-intitulam assim. Dizia alguém a seu próprio respeito: (as pessoas são tão pouco comedidas ao falarem sobre si!): “Eu sou o único teólogo batista do Brasil. Os outros são denominacionólogos!” E explicava sua declaração: “Todos os outros têm a preocupação de apoiar a denominação. Eu tenho uma postura independente e crítica”. Talvez esta pessoa devesse se intitular de “pretensiólogo”. Ninguém lhe negaria o título.

O fato de alguém ter feito um curso de bacharel em Teologia não o torna um teólogo. Como ninguém é um filósofo porque fez um curso de Filosofia. Um teólogo não é um professor de Teologia, nem quem tenha escrito livros sobre o assunto. Para que alguém faça jus ao título de teólogo espera-se que tenha formado corrente de pensamento teológico, que tenha arregimentado seguidores ao redor de si, desdobrando suas idéias, que tenha deixado marcas no pensamento teológico mundial. Teólogo não é título que qualquer um pode reclamar para si. Pode-se aplicar a poucos e não é o reclamante que se dirá um teólogo, mas alguém dirá isso dele.

Parece que isso tem a ver com o conceito que fizemos de Teologia. Pensamos nela como “um discurso sobre Deus”. Mas tal conceito é equivocado. Ele nos permitiria ampliar um conhecido provérbio que passaria a ser: “De médico, teólogo e louco, todos temos um pouco”. Afinal, todas as pessoas emitem opinião sobre Deus. Se alguém emitir opiniões sobre o islã, isso não fará dele um ulemá (teólogo islamita). Da mesma forma, emitir opiniões sobre a igreja, sobre o Evangelho e sobre a Bíblia não torna alguém um teólogo cristão. O pretensiólogo citado anteriormente confundia ser teólogo com ser crítico. A crítica é muito necessária, mas não deve ser confundida com a razão de ser da teologia. Ser um crítico não é ser um teólogo. E muita gente hoje, sem retrospecto algum, que jamais levou alguém aos pés de Cristo, jamais marcou uma vida positivamente com os valores do evangelho, tem se lançado a criticar a igreja, presumindo estar fazendo Teologia. Outro dia, numa sala de aula, disse meu irmão carnal, seminarista: “Vocês só sabem criticar! Quando eu comecei a estudar, fiquei muito interessado nisso, porque eu nunca tinha ouvido essa posição. Mas já estou no terceiro ano e vocês continuam a falar as mesmas coisas. Estou farto de palavras. O que vocês têm feito?”. Os “teólogos” silenciaram.

No livro *Recomendações aos Jovens Teólogos e Pastores*, Helmut Thielicke nos deixa algo valioso: “o pensamento teológico só pode respirar numa atmosfera de diálogo com Deus”. Em outras palavras, a teologia só pode ser feita em oração. Só pode se aventurar a “teologar” quem tenha vida espiritual. Gente que não vai à igreja, que não ora, que não estuda a Bíblia, que é meramente apedrejador do cristianismo, que não o vive, nunca fará teologia. Isso lembra Kierkegaard: “Só pode criticar o Cristianismo quem seja cristão”. Alguém insistirá em que “teologia é falar sobre Deus”. Thielicke lembra que a primeira pessoa a falar de Deus foi quem formulou a famosa pergunta: “É assim que Deus disse?” (Gn 3.1). No sentido de ser um discurso sobre Deus, pode-se dizer que o primeiro a fazer teologia foi o diabo. Um pretendido teólogo não deve falar sobre Deus, mas com Deus e de Deus aos homens. Quem esteja refletindo sobre Deus terá comunhão com ele. O teólogo autor do Salmo 139 fez uma primorosa reflexão sobre Deus e prorrompeu em louvor. Em outros salmos ele proclama seu Deus aos outros. A teologia produz adoração e proclamação.

Estudos teológicos que produzem enfermidades espirituais são uma distorção. Estudos teológicos que levam a pessoa para fora da igreja para apedrejá-la parecem estudos teológicos na linha do autor de “É assim que Deus disse?”. Não existe teologia sem Deus, sem amor a ele. Não existe teologia sem amor à igreja e sem compaixão pelos perdidos. Não se refletiu sobre Deus. Refletiu-se sobre si mesmo, sobre seus valores. Fez-se “egologia”. E há muitos “ególogos” que se pensam “teólogos”.

Ninguém ensinou mais sobre Deus que Jesus. Ninguém teve mais comunhão com Deus do que Jesus. Ele foi um autêntico teólogo. Ele podia dizer: “Meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus”. Deus não era terceira pessoa, apenas, para Ele. Era também a segunda. Um pretendido teólogo deve ter condições de se referir a Deus na segunda pessoa e não somente na terceira. Há pessoas com conhecimento escasso de Deus emitindo opinião sobre ele. Jó confessou sua deficiência: “Com os ouvidos eu ouvia falar de ti; mas agora te vêem meus olhos” (Jó 42.5). Jó possuía um conhecimento sobre Deus, mas de segunda mão. Um pretendido teólogo deve ter um conhecimento real de Deus e não conceitos assimilados de outros. Jesus mostra, a nós, pretendidos teólogos, alguns caminhos por onde andar: não apenas falar de Deus, mas falar com Deus; amar o povo de Deus e não apedrejá-lo; chorar pelos erros da comunidade amada e não, farisaicamente apontar os erros dela. O pretendido teólogo é assumidamente igreja. Teólogos sem Deus, sem compaixão, sem amor pelos perdidos, sem amor pela igreja e sem engajamento numa igreja, não merecem ser pretendidos teólogos. São livres atiradores contra a igreja, que é o corpo de Cristo.

O Grande Teólogo, homem que ensinou sobre Deus e, acima de tudo, viveu como Teólogo, viveu com Deus.

Publicado: O Jornal Batista, 21.04.91, pág. 9